

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL: DEMOCRATIZAÇÃO NA ERA GLOBALIZADA

Airton Carlos Patzlaff, Priscila Maria Gregolin, Liliane Canopf

UTFPR

Resumo - O itinerário que se inicia propõe elucidar questões atinentes ao papel das empresas perante a sociedade, em uma época na qual o Estado transfere parte de suas prerrogativas às instituições privadas. Nessa perspectiva, vê-se na globalização um elemento propulsor dos anseios capitalistas, de modo que a sociedade permanece vulnerável às atitudes das organizações contempladas com a nova posição. Considerando os reflexos decorrentes da interação com o ambiente na busca pela maximização dos lucros, faz-se necessário adotar uma postura responsável, sem esquecer que a sociedade é a variável que determina o alcance do sucesso empresarial.

Palavras-Chave: globalização, responsabilidade, sociedade.

SOCIAL RESPONSIBILITY IN BUSINESS: DEMOCRATIZATION IN AGE OF GLOBALIZATION

Abstract- The itinerary which begins, propose elucidate issues pertaining to the role of business to society, in a time where the state transferring part of its prerogatives to private institutions. In that perspective, is seen in the globalization a propellant element of the capitalist aspirations, where the society remains vulnerable to attitudes of the organizations contemplated with the new position. Considering the repercussions arising from the interaction with the environment in the search for maximization of profits, it is necessary to adopt a responsible attitude, without forgetting that the society is the variable that determines the scope of enterprise success.

KeyWord: globalization, responsibility, society.

1. INTRODUÇÃO

A globalização é um processo que vem acompanhado de diversos eventos ligados a transformações políticas, econômicas e sociais.

Embora haja diferentes concepções teóricas acerca do assunto, existem pontos de convergência; e é dentro de uma percepção dialética que se buscará tangenciar os elementos consoantes.

Por meio dessa reflexão, buscar-se-á compreender a postura do Estado nesse ambiente que traz evidências claras da emergência de um novo protagonista no cenário: as empresas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, sendo que as observações empíricas se

baseiam em diferentes fontes bibliográficas, nas quais as idéias convergem dialeticamente para a compreensão da realidade investigada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, verifica-se que em tempos pretéritos o maior desafio sócio-econômico era quebrar as fronteiras regionais em uma mesma nação e que hoje a grande cartada é destruir as barreiras que separam os Estados Nacionais, unindo-os em um contexto global.

A fim de conceituar melhor esse processo, usam-se as palavras de Porter (1980, p.259)

o movimento para a globalização pode ser comparado à mudança nas

indústrias norte-americanas de uma concorrência em uma base regional para nacional entre 1890 e 1930.

No atual contexto globalizado as transformações tecnológicas são, entre as variáveis, as de maior impacto, de modo que é unânime a constatação da presença de seus reflexos otimizadores na disseminação das informações. Ademais, as inovações proporcionadas pela tecnologia criaram mecanismos capazes de aproximar povos, nações e culturas.

Sendo assim, a compreensão do fenômeno da globalização surge a partir da integração sistemática de variáveis potenciais e transformadoras do macroambiente, concebidas em diferentes níveis do plano cognitivo.

Nessa perspectiva, entre os incontestáveis efeitos da globalização está o enfraquecimento dos Estados nacionais. As decisões internas de cada país dependem em escala crescente das questões internacionais. Outrossim, torna-se cada vez maior a dependência sócio-econômica em relação às grandes corporações e ao capital estrangeiro (ARRUDA e PILETTI, 1999).

Em face disso, a integração das nações urge por instrumentos mediadores capazes de intermediar as relações entre abastados e espoliados, de modo a atingir um equilíbrio de interesses.

Uma vez que o neoliberalismo enfraqueceu o poder do Estado por meio de privatizações e da redução do intervencionismo, seus instrumentos de captação de receitas e manipulação das contingências também foram minimizados.

Constitucionalmente caberia ao Estado reduzir as desigualdades sociais e regionais, bem como erradicar a pobreza e a marginalização. Porém, em um contexto onde o poder estatal vem sendo suprimido pelas forças de mercado, os recursos e os meios de intervenção estão sendo transferidos para os ícones capitalistas. Nesse sentido, o entendimento é de que as organizações não existem para si próprias; são meios, representando um órgão social que visa à realização de uma tarefa social (DRUCKER, 1975).

Sendo assim, a responsabilidade social reside hoje no poder de quem detém os mecanismos de transformação, de modo que essa inferência se torna perceptível ao ver a sociedade desestruturada enquanto o capital das grandes corporações se maximiza.

O posicionamento de Drucker serve como fundamentação para a premissa de que os impactos causados pelas organizações são diversos, e que no atual contexto cabe às empresas atuarem estrategicamente de modo a suplantar seus efeitos negativos.

Segundo o professor universitário e consultor em

gestão, Silvio Olivo, em entrevista para a Revista Classe Mundial, é importante não confundir responsabilidade social com ação social ou filantropia. Responsabilidade social precisa estar integrada à gestão. É crescer e fazer a sociedade crescer junto (OLIVO, 2005).

Essa expressão responsabilidade social carrega uma série de princípios éticos que buscam conciliar ações estratégicas a uma postura que traga contribuições para todos os envolvidos na atividade geradora de receitas.

Nessa linha de raciocínio estratégico argumenta com propriedade Passos (2004, p. 164)

sabendo-se que há maior aceitação por parte dos clientes de produtos e serviços oriundos de empresas consideradas socialmente responsáveis, cresce a cada dia o número daquelas que iniciam alguma experiência no campo.

Destarte, para curar as mazelas sociais desse universo globalizado, composto por empresas multinacionais e transnacionais, é essencial que as mesmas assumam o papel que outrora foi do Estado, e doravante atuem de modo responsável.

4. CONCLUSÕES

Em última instância, infere-se que não basta para as empresas agirem por intermédio de uma postura meramente paternalista. Cabe às organizações atuarem de forma integrada com a sociedade. Outrossim, ressalta-se a posição estratégica ocupada pelas empresas hodiernas, demonstrando um cenário repleto de oportunidades econômicas e fragilidades sociais.

Ademais, evidencia-se que o ganho de capital e a responsabilidade diante dos recursos que a proporcionam são elementos que devem ser indissociados.

Destarte, apenas com a adoção de uma atitude socialmente responsável é que será possível alcançar o desenvolvimento sustentável, equilibrando os elementos micro e macroambientais com os lucros inerentes ao empreendimento.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, J.; PILETTI, N. **Toda a História: História Geral e do Brasil**. 9.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MAIA, J.M. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- AUSTIN, J.; HERRERO, G.; REFICCO, E. A nova rota: aliança social estratégica. **Harvard Business Review**. Rio de Janeiro: Campus, p. 34-38, dezembro 2004.
- DRUCKER, P.F. **Administração: responsabilidades,**

tarefas, práticas. São Paulo: Pioneira, 1975.

HAAG, C. A folia discursiva do vovô do ultraliberalismo. **Revista Primeira Leitura**. São Paulo: Primeira Leitura, n. 16, p. 44-48, junho 2003.

OLIVO, S. **As bases de um Brasil Competitivo**. Revista Classe Mundial. São Paulo: Fundação Nacional de Qualidade, p. 11-14, novembro 2005.

PASSOS, E. **Ética nas Organizações**. São Paulo. Atlas, 2004.

PORTER, M.E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 7.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

KANAANE, R. **Comportamento Humano nas Organizações: o homem rumo ao século XXI**. 2.ed. São Paulo: Atlas S. A, 2006.